

#AssembleiaDeSolidariedadeFeministaDoSul



A Luta Palestina é Uma Luta Feminista Contra o Racismo, o Imperialismo e o Apartheid Colonial

crédito: @bint.bandora | origem: [Just seeds](#)

No dia 3 de novembro, um espírito pesado e sombrio encheu o espaço virtual quando o South Feminist Futures reuniu ativistas feministas de todo o Sul Global para uma "Assembleia de Solidariedade Feminista do Sul para a Palestina." Como a pesquisadora e moderadora nigeriana feminista Amina Mama afirmou em suas observações iniciais, "A luta palestina é a nossa luta, uma luta contra o racismo, o imperialismo e o apartheid colonial colonizador." Mais de 140 ativistas feministas se reuniram para lamentar os milhares perdidos na atual Nakba e encontrar maneiras de apoiar a libertação palestina.

A cineasta palestina Samaher Alqadi compartilhou um testemunho cru e emocional sobre sua experiência de vida de ocupação. "Minha mãe foi baleada no rosto na minha frente. Meu pai, meus irmãos, foram torturados, espancados e presos o tempo todo", contou ela. Samaher passou a descrever a realidade horrível para os palestinos sob o ataque israelense: "Estamos sendo massacrados sob os olhos e os narizes e as câmeras de todo o mundo." Ela fez um apelo apaixonado, dizendo: "Eu imploro a todos que parem de se distrair. Este é um ciclo. Nós estivemos lá. Temos sido usados e consumidos por décadas contra outros países antigos que foram destruídos como o Iraque sob o nome de combate ao terrorismo."

Mena Souilem, feminista do Sahara Ocidental, fez uma crítica contundente à falta de solidariedade dos movimentos feministas globais. "O que aconteceu em Gaza agora destacou o medo de estar associado a movimentos políticos de feministas, que têm uma linha política estrita do que significa buscar a libertação", implorou. "Eu não acho que agora, nesta época, e neste tempo específico, temos o luxo de dizer que não podemos ser muito políticos", acrescentou.

As oradoras enfatizaram com urgência a necessidade de ações concretas para apoiar a libertação da Palestina, incluindo boicotes econômicos, lobby junto aos governos, protestos e combate à propaganda. Rama Salla Dieng, uma acadêmica feminista do Senegal, pediu a construção de solidariedade feminista transnacional, proclamando que "A libertação é um projeto comum e devemos fazer tudo pela autodeterminação". Ela chamou a atenção para o flagrante padrão duplo aplicado às vidas palestinas, afirmando claramente: "Se tivéssemos apenas cinco pessoas mortas, da França, dos Estados Unidos ou da Alemanha, não acho que as pessoas teriam ficado em silêncio."

Ecoando este apelo à solidariedade inequívoca, a pesquisadora feminista brasileira Mona Perlingeiro declarou: "Não podemos normalizar a morte de tantas pessoas e crianças e mulheres, muitas famílias estão perdendo suas vidas. Então não podemos ficar em silêncio, não podemos ter medo de falar."

A comunicação estratégica também foi enfatizada por Melisa Trad, uma jornalista feminista argentina, que aconselhou "Portanto, precisamos falar sobre isso estrategicamente, e temos que falar pelas mulheres e pessoas palestinas e elas são as que colocarão adjetivos nas situações que estão vivenciando."

Durante a discussão aberta, feministas da Jamaica, Quênia, Chile, Colômbia, Bolívia e do Sul Global compartilharam perspectivas conectando a luta palestina às suas próprias experiências sob o colonialismo e ocupação. Eles propuseram várias estratégias, incluindo a adesão ao movimento Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS), pressionando seus governos a cortar os laços com o Apartheid Israel, ensinando, compartilhando vozes palestinas e se juntando a movimentos de justiça social existentes.

Em suas observações finais, a moderadora Amina Mama enfatizou que a descolonização é a questão feminista, afirmando que nenhum de nós é livre até que a Palestina seja libertada do colonialismo.

Este foi um espaço inspirador de luto comunitário, narração da verdade, trabalho de memória feminista e solidariedade. A luta pela liberdade palestina está interligada com todas as lutas globais por justiça. Não pode haver libertação para nenhum de nós até que a ocupação militar, o colonialismo colonizador e o apartheid terminem na Palestina. A assembleia para o Palatino demonstrou o poder das feministas através das fronteiras se unindo com amor radical para defender a dignidade e a humanidade umas das outras. Enquanto persistir a opressão racista, colonial e imperial, o nosso trabalho continuará.